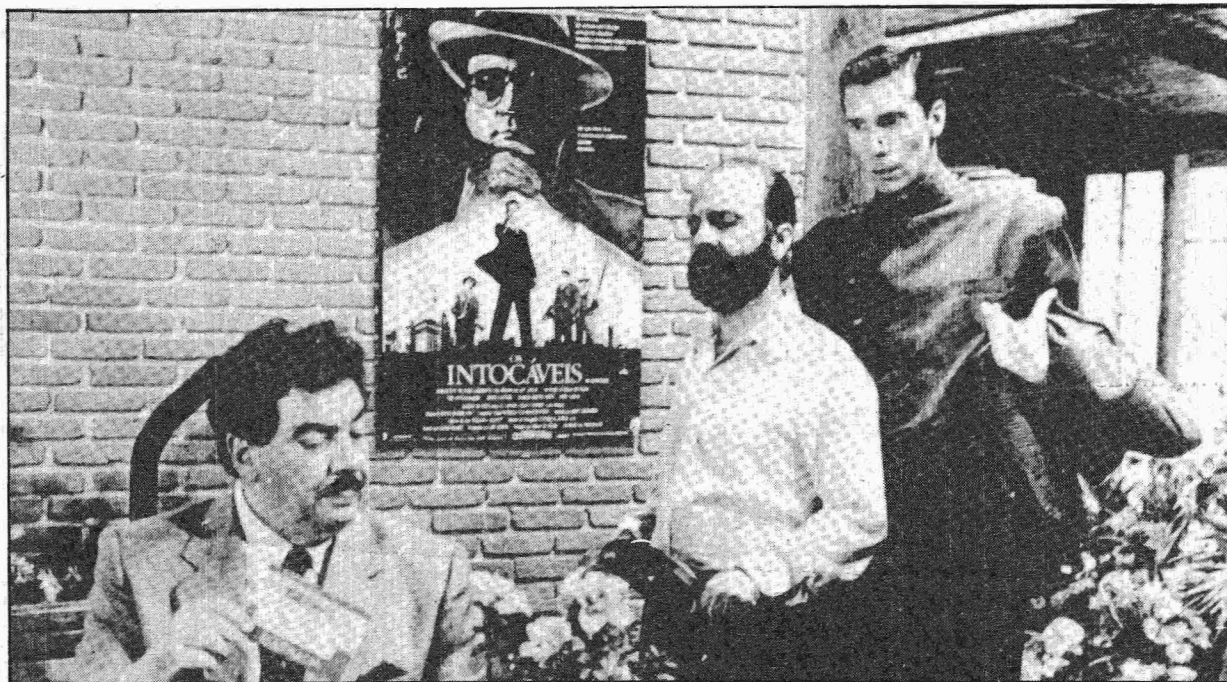


LONGA

Dia 3



Sua Excelência, o Candidato, peça de sucesso, adaptada para o cinema com Mamberti e Borghi

A chanchada na política do Candidato

Ricardo Silva Pinto, 29 anos, vai participar do Festival de Brasília com seu primeiro longa-metragem: *Sua Excelência, o Candidato*. Trata-se de "um filme de olho no mercado" e seu autor não se envergonha nem um pouco em fazer tal afirmação. Formado pela famosa ECA-USP (Escola de Comunicação e Arte da Universidade de SP), ele sempre se preocupou com a produção cinematográfica e seu escoamento.

— **Ricardo, você admite, sem constrangimento, fazer filme para mercado?**

— É verdade. O experimentalismo nunca foi o meu caminho. Nem na época do Super-8. Gosto de cinema narrativo. Gosto de buscar o que há de cinematográfico num texto literário ou teatral. Foi assim com *Adulterio*, baseado num conto de Joana Fomm e com *Sua Excelência, o Candidato*, baseado em peça de Marcos Caruso e Jandira Martini. Ao fazer o filme, procuro colocar no mercado um produto que esteja em falta.

— **O fato de ter trabalhado como assistente (de direção e de produção) dos Trapalhões tem alguma responsabilidade neste processo?**

— Claro. Com eles aperfeiçoei minha percepção para a realização de filmes que desejam abraçar o mercado. Não nego que tenho o maior prazer em fazer um filme popular. Porém, partilho da idéia de que fazer um filme popular não significa fazer concessões ao mercado. No *Candidato*, o fotógrafo é Cláudio Reichenbach, um diretor e técnico que fez cinema autoral dentro do esquema — comercialíssimo — da Boca do Lixo paulistana.

— **"Sua Excelência, o Candidato" tem um pé na chanchada?**

— Olhe, a peça do Caruso e da Jandira (a espalhafatosa Vitória Imperial de *Ana Raio e Zé Trovão*) é um vaudeville típico. Na hora de transformá-la num roteiro cinematográfico, quisemos preservar, acima de tudo, o seu ritmo: um entra-e-sai (com bateção de porta), e cortar o fôlego. E foi o que fizemos. Mas foram muitas e muitas as modificações necessárias. No começo, eu reguardava um enorme pudor em relação à palavra, queria preservar ao máximo os diálogos da peça, que são primorosos. Depois, na hora da montagem, Aidê Lacreta e Cristina Amaral enxugaram bastante o material filmado. Restou um filme de 108 minutos.

— **O que você fez para evitar um filme teatral, de marcação pesada?**

— Tudo. O Caruso e a Jandira escreveram o roteiro comigo e com o Caíque. Começamos a promover alterações desde o primeiro momento, quando, aos sete personagens originais da peça, acrescentamos mais 42 coadjuvantes. No original, a história se passa num apartamento. No filme, o cenário básico é um condomínio residencial.

— **Como se deu a escolha do elenco? Vocês buscam os mesmos atores da montagem teatral?**

— Não. Só dois vieram da montagem que percorreu o

país e foi vista por 450 mil pessoas: o Eurico Martins (que faz o mordomo gay) e o Renato Consorte (Ezequiel, o presidente do partido político). O protagonista, Renato Borghi, não correspondia ao personagem original da peça. No texto, o candidato era um quarentão bonito, atlético, galã. Com a vitória do Fernando Collor, achamos que ia parecer oportunista utilizar um quarentão atlético. Mudamos a idade do personagem para a faixa dos 50 anos e apostamos no Borghi, que é o antigalã, baixinho e meio careca. Formamos um trio de grande efeito visual: o candidato baixinho; o Cláudio Mamberti, que é gordo, e o Eurico Martins, que é magro e alto.

— **Você armou a primeira produção cinematográfica paulistana após o desmonte da Embrafilme. Foi difícil?**

— Foi, pois trabalhamos em terreno adverso. Nossa produção inicial estava orçada em US\$ 500 mil. Só que, no final do processo, que durou 11 meses (de junho de 90 a maio de 91), o custo chegou a US\$ 650 mil. A produção se mostrou muita mais complexa do que esperávamos. O filme não conta com nenhum apoio do Estado. Teve apoio, a nível de merchandising, de algumas empresas.

— **De quantos espectadores você necessita para recuperar seus investimentos?**

— De um milhão e meio de espectadores. E creio que vamos chegar lá. O filme *Os Trapalhões na Terra dos Monstros* foi visto por 2.800.000 espectadores. O *Escolha Atrapalhada*, com a Angélica, por 3.000.000. Como participei destes dois filmes, estou animado. Acredito que alcançaremos metade desta cifra.

Sua Excelência o Candidato

Direção: Ricardo Pinto e Silva

Roteiro: Jandira Martins, Marcos Caruso, Caito Junqueira e Ricardo Pinto

Fotografia: Carlos Reichenbach

Montagem: Idê Lacreta e Maria Cristina Amaral

Elenco: Renato Borghi, Cláudio Mamberti, Lucinha Lins, Eurico Martins, Renato Consorte, Ken Kaneco, Iara Janra, Giovana Gold, Supla, Rogério Trindade, Marcelo Mansfield

Cenografia: Luiz Fernando Pereira

Técnico de som: Luciano di Segni

Música Original: J. Moraes

Bitola: 35 mm

Duração: 108 minutos

HORS-CONCOURS

ABC da Greve - Quarta (dia 3)

ABC da Greve — Documentário de longa-metragem, realizado por Leon Hirszman (1937-1987) e concluído, postumamente, por Adrien Cooper, fotógrafo inglês, radicado no Brasil desde 1975. Cooper, diretor de vários documentários, entre eles *Chapeleiros*, premiado no Festival de Brasília, aceitou a tarefa de concluir o filme a convite de Carlos

Augusto Calil, da Calil, da Cinemateca Brasileira.

Em 1979, Leon Hirszman estava em São Paulo trabalhando em parceria com Gianfrancesco Guarnieri na roteirização do texto teatral *Eles Não Usam Black-Tie* (que, em 82, lhe renderia quatro prêmios no Festival de Veneza). Interrompeu o trabalho quando eclodiu no ABC Paulista a grande greve dos metalúrgicos. Preferiu ir documentá-la. Adrien Cooper ocupou a função de câmera. Foram documentadas 25 horas de imagens das mobilizações e de Luís Inácio da Silva, presidente do Sindicato de São Bernardo, que tornou-se nacionalmente conhecido como *Lula, o metalúrgico*.

Em 87, Leon morreu prematuramente, aos 49 anos. Os negativos do filme ficaram guardados. Hoje, passados 12 anos, registra Adrien Cooper, "a demora no lançamento de *ABC da Greve* lhe imprimiu uma nova qualidade: a de refletir sobre um determinado momento político e sobre a própria maneira do cinema pensar a política". (Da Redação)

PROJETO PULEX (CURTA)

Quinta (dia 4)

Projeto Pulex é a história de uma conspiração maquiavélica. Um complô daqueles em que a gente fica imaginando meiadúzia de senhores todo-poderosos, controlando as coisas por trás das telas de supercomputadores, no centésimo andar de algum edifício de vidro fumê em New York.

Um grupo de distintos senhores, traçam o destino de milhões de pessoas em todo mundo, auxiliados pelas mais avançadas descobertas de engenharia genética. O objetivo principal é reduzir o crescimento populacional incontrolável. Para atingir seus obscuros intentos, estes "donos do mundo" planejam a utilização de um inseto, para a solução de todos os males que dificultam o bom prosseguimento de seus negócios por todo o planeta.

O inseto é a pulga pulex, uma excepcional transmissora de vírus e bacilos. Transmitindo bacilos sintéticos produzidos em laboratórios de engenharia genética, a pulga é a arma ideal para a diminuição da população terrestre. Qualquer semelhança com a paranóia coletiva gerada pelo vírus da Aids, é mera coincidência. Mas a pulga possui algumas vantagens: nada a contém. (Marcos Savini)

□ **PROJETO PULEX** — Direção, roteiro e fotografia: Tadao Miquel. Música original: Cláudio Bonder. Produção: Núcleo de Animação do Rio Grande do Sul — Fernanda Veríssimo. Narração: Gonçalo Pereira.

